



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA**

CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES

ANTONIA ROSANGELA SIMÃO RODRIGUES

**A FEIRA DO CURIÓ COMO UMA ALTERNATIVA DE DEFESA AO
DESEMPREGO**

ACARAPE – CE

2019

ANTONIA ROSÂNGELA SIMÃO RODRIGUES

A FEIRA DO CURIÓ COMO UMA ALTERNATIVA DE DEFESA AO
DESEMPREGO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Professor Dr. Fernando Afonso Ferreira Júnior

ACARAPE – CE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Rodrigues, Antonia Rosangela Simão.

R611f

A Feira do Curió como uma alternativa de defesa ao desemprego /
Antonia Rosangela Simão Rodrigues. - Redenção, 2019.

46f: il.

Monografia - Curso de Humanidades, Instituto De Humanidades,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,
Redenção, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Afonso Ferreira Júnior.

1. Capitalismo. 2. Desemprego. 3. Feira Livre. 4. Trabalho Informal.
I. Título

CE/UF/BCP

CDD 331.1

ANTONIA ROSÂNGELA SIMÃO RODRIGUES

A FEIRA DO CURIÓ COMO UMA ALTERNATIVA DE DEFESA AO
DESEMPREGO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao curso de Bacharelado
em Humanidades da Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira, como requisito parcial
para obtenção do Título de Bacharel em
Humanidades.

Aprovado em 21 / 08 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Fernando Afonso Ferreira Júnior (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Professor Dr. Eduardo Gomes Machado

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Professor Dr. Salvio Fernandes de Melo

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

AGRADECIMENTOS

Quero em primeiro lugar agradecer à Santíssima Trindade: Deus Pai, Deus Filho Jesus Cristo, e Deus Espírito Santo, pela saúde, força e coragem que Eles sempre me concederam.

Ao meu filhinho primogênito Renan Rodrigues, que foi para o Céu aos quatro meses de idade, mas que permanece e permanecerá eternamente vivo no meu coração. Por ter sido um enorme incentivo para que eu nunca desistisse de lutar e por ter me ensinado a ser guerreira ainda tão jovem. Jamais esquecerei o seu rostinho, olhando para mim, como se quisesse falar dizendo: "Te amo mamãe!

Ao meu amado filho Davi Rodrigues que tem sido muito mais um pai maravilhoso para mim do que apenas um filho dedicado, Por estar ao meu lado sempre, me apoiando, me auxiliando e me ajudando em tudo, inclusive nas maiores dificuldades da minha vida acadêmica.

Aos meus amados filhos José Evaldo e Jacó Levi pelas grandes ajudas que também me deram nos meus estudos e pela torcida que sempre disponibilizaram para o meu sucesso.

À minha mãe Zulmira Simão e ao meu pai Francisco Rodrigues por terem sido os canais responsáveis para a minha existência terrena.

À minha mãe pelo enorme esforço em criar e educar a mim e aos meus irmãos. Ao meu pai pelos votos de felicidades e realizações e pelo apoio que tive dele no meu curso universitário quando morei em São Luís do Maranhão e estudei na Universidade Federal do Maranhão. Agradeço muito pelo apoio que tive dele e por ele ter aberto as portas de sua casa para mim e para meu filho Jacó Levi.

À minha querida sogra e amiga Maria Eliza, que não vive mais entre nós, mas que se estivesse vivendo estaria muito orgulhosa de mim por esta minha enorme conquista. Serei eternamente grata por tudo que ela fez por mim e por meus quatro filhos e pelo valor e admiração que ela sempre prestou a minha pessoa.

Ao meu querido orientador, o professor Dr. Fernando Afonso Ferreira Júnior, por todo o seu empenho em me auxiliar e pela sua nobre atitude de valorizar meu trabalho.

Aos professores Dr. Eduardo Machado e Dr. Salvio Fernandes por terem feito parte da Banca Examinadora deste meu trabalho e pela maravilhosa avaliação que fizeram ao mesmo. Suas falas foram momentos de aprendizado para mim.

A todos os meus familiares, parentes e amigos que se conservaram na sinceridade, torcendo pela minha vitória na minha vida acadêmica e na minha vida profissional.

À minha tão querida e estimada instituição educacional, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, pela imensa oportunidade que ela me deu de me tornar um ser humano melhor, pelo conhecimento que através de excelentes professores que tive o privilégio de ter nela e pelos auxílios universitários que recebi do Governo Federal através dela, dos quais eu tenho extrema necessidade.

A todos o meu muito e sincero obrigado!

RESUMO

O tema deste trabalho emerge da questão social do desemprego, que tem sido motivo de grande preocupação para todos os brasileiros. O presente trabalho visa compreender um pouco o fenômeno do desemprego e apresentar o trabalho informal, focando-se na Feira do Curió, que surge numa contrapartida de defesa às consequências que esse fenômeno tem trazido a toda população do bairro Curió e às comunidades vizinhas. Como o objetivo principal deste trabalho é o de identificar as contribuições econômicas, sociais e culturais do trabalho informal da feira livre do Curió aos seus integrantes, clientes, à comunidade local e às vizinhas e ao mesmo tempo à própria cidade de Fortaleza, a autora faz uso de uma pesquisa descritiva, utilizando uma abordagem quantitativo-qualitativa. Para uma melhor compreensão do assunto em pauta, esta pesquisa é fortalecida na coleta de dados bibliográficos junto a livros, artigos e sites que trabalham na contextualização do desemprego, da representação do trabalho, do trabalho informal, do capitalismo e das relações sociais entre todos esses elementos. Esta pesquisa foi aplicada diretamente ao público alvo, no caso, aos trabalhadores informais da Feira do Curió, como também aos clientes da feira. Para a realização desta pesquisa foram investigados três feirantes e três clientes da feira.

Palavras-chave: Capitalismo. Desemprego. Feira livre. Trabalho informal.

ABSTRACT

The theme of this paper emerges from the social issue of unemployment, which has been of great concern to all Brazilians. This paper aims to understand the phenomenon of unemployment a little and present informal work, focusing on the Curió Fair, which arises in defense of the consequences that this phenomenon has brought to the entire population of the Curió neighborhood and neighboring communities. As the main objective of this work is to identify the economic, social and cultural contributions of the free work of the free fair Curió to its members, clients, local community and neighbors and at the same time to the city of Fortaleza, the author makes use of a descriptive research, using a quantitative-qualitative approach. For a better understanding of the subject, this research is strengthened by collecting bibliographic data from books, articles and websites that work in the context of unemployment, labor representation, informal work, capitalism and social relations among all these elements. This research was applied directly to the target audience, in this case, the informal workers of the Curió Fair, as well as the clients of the fair. To carry out this research were investigated three fair marketers and three clients of the fair.

Keywords: Capitalism. Unemployment. Free fair. Informal work.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1	Conhecendo um pouco sobre o processo histórico de Feira Livre ..	13
2.2	O surgimento da Feira do Curió.....	14
2.3	Contribuições sociais, culturais e econômicas da feira do Curió para a comunidade local e adjacente	15
2.4	Expandindo o conhecimento sobre o desemprego, sobre a importância do trabalho e sobre o trabalho informal	16
2.5	O trabalho como o diferencial dos seres humanos frente aos demais seres vivos	18
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	24
3.1	Tipo de pesquisa	24
3.2	Local e sujeitos da pesquisa.....	24
3.3	Obtenção dos dados.....	25
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
4.1	Diagnóstico sobre os feirantes	26
4.2	Diagnóstico sobre os clientes da feira.....	35
5	CONCLUSÃO.....	40
	REFERÊNCIAS.....	41
	APÊNDICES	44

1 INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho emerge da questão social do desemprego, que tem sido motivo de grande preocupação para todos os brasileiros. Com isso podemos perceber que, com a crise econômica que todo o país tem enfrentado, o índice de desemprego tem se elevado, ocasionando, portanto, um caos nacional. Em contrapartida, as portas têm se aberto para a informalidade. No entanto, enquanto um significativo número de pessoas tem buscado o trabalho informal para garantir sua sobrevivência, outro número, tem procurado o mundo do crime, ou até mesmo, a rua, como forma de fugir desta cruel realidade.

O presente trabalho visa compreender um pouco o fenômeno do desemprego e apresentar o trabalho informal, focando-se na Feira do Curió, que surge numa contrapartida de defesa às consequências que esse fenômeno tem trazido a toda população do bairro Curió e às comunidades vizinhas.

Ao iniciar esta pesquisa, a questão-problema que mais inquietou sua autora foi: A que ponto a informalidade no trabalho é observada como uma alternativa de defesa e de resistência ao desemprego?

Uma possível resposta para esse questionamento é que podemos perceber no nosso cotidiano, o grande aumento de trabalhadores informais nas ruas, avenidas e principalmente, nos centros das cidades. Seja nas feiras livres, seja nos ônibus, observamos pessoas vendendo diversos produtos e também pessoas trabalhando em diversos serviços, como, pedreiros, diaristas, engraxates, etc.

Conseguimos perceber que a Feira do Curió tem proporcionado um alívio à muita gente do bairro, principalmente, aos que não possuem um emprego formal. E diante desse contexto, podemos considerar que o trabalho informal tem sido como uma arma de defesa ao desemprego, embora, que por um determinado tempo, mas de certa forma tem propiciado, oportunidades e meios para que os feirantes proprietários de barracas e mesmo os que são apenas ajudantes, vivam do que ganha e assim também sustentem suas famílias.

Por meio da temática proposta, apresentada pela autora, buscamos na dissertação de Mestrado de Kátia Paulino dos Santos (2010), uma explicação bem

lógica do trabalho informal como uma arma de defesa ao desemprego, quando ela comenta que "a análise do setor informal, torna-se mais complexa, face ao extenso número de conceitos que são atribuídos à informalidade no mundo do trabalho" (SANTOS, 2010, p. 23). Compreendemos pelas palavras de Santos que até hoje o trabalhador informal, como o seu trabalho na informalidade, são conceituados como "bicos" ou "virações". Esses termos remetem uma ideia de trabalho sem muita importância, ou, não válido como "trabalho". Sendo portanto, na maioria das vezes desvalorizado e até de certa forma, ignorado.

Com relação ao tema desta pesquisa, podemos considerar que o trabalho informal vem de certa forma, desmontando a ideia imposta pelo Sistema Capitalista, de que o homem não pode viver sem um "trabalho". Que fica claro que esse trabalho, nada mais é do que um emprego formal.

De acordo com Alves e Almeida (2009), "as mudanças operadas no mundo do trabalho por meio da flexibilização, mostram que o capitalismo cria novas e recria antigas formas de exploração a serviço da acumulação". (ALVES e ALMEIDA, 2009, p.7). Nos é possível observar a partir dessa afirmação de Alves e Almeida que o trabalho informal pode ser considerado como um modelo de capitalismo reverso, em que o trabalhador por não ter um emprego formal, procura sobreviver às próprias custas, sem ter que depender de um patrão.

Diante da questão do fenômeno do desemprego, e da problemática que ele representa nos aspectos sociais, educacionais, culturais e econômicos para a sociedade de um modo geral, a autora apresenta esta pesquisa, embasando seu tema no trabalho informal de feira livre, buscando junto ao leitor, uma compreensão da importância do mesmo, para toda a população, especificando em seu projeto a importância do trabalho informal de feira livre, na comunidade local do Curió e as comunidades adjacentes.

É pretendido também nesta pesquisa um reconhecimento do trabalho informal como outro fenômeno que tem ganhado relevância nas sociedades, principalmente nos países marcado pelas mazelas do capitalismo. Neste sentido, a pesquisa procura realizar um estudo em toda uma conjuntura, que envolve capitalismo, desemprego e trabalho informal. Tendo como referência, mais precisamente, o trabalho de feira livre, que tem proporcionado oportunidades de

trabalho à pessoas desempregadas e ao mesmo tempo propiciado um aumento na renda familiar de pessoas que tem um emprego formal, mas que ganham apenas um salário.

Por um estudo mais aprofundado, este trabalho permeia nas informações dadas pelos próprios trabalhadores informais ou desempregados, como também, na dedicação de buscar através da história, conhecimentos sobre como o desemprego desencadeou nas pessoas o desejo de trabalhar por conta própria para driblar as dificuldades que ele próprio ocasiona na vida de todos que são suas vítimas.

Para uma compreensão mais clara do que o desemprego acarretou no povo do bairro do Curió, esta pesquisa qualitativa de cunho descritivo, procurou abarcar os integrantes da feirinha, seus clientes e os moradores, a fim de perceber através do movimento desse trabalho, que, a própria pesquisa pode proporcionar uma melhor perspectiva dos moradores do bairro para com o trabalho informal. Logo, esta pesquisa teve como objetivo principal identificar as contribuições econômicas, sociais e culturais que o trabalho de feira livre proporciona aos seus integrantes, clientes, comunidades locais e vizinhas, e ao próprio município. Como objetivos específicos foram delineados: compreender a relevância do trabalho informal nas relações sociais entre vendedor e consumidor; observar o que a feirinha do Curió vem representando diante da crise do desemprego em todo o bairro e informar ao leitor um pouco do processo histórico de feiras na sociedade, bem como no Brasil.

A partir do olhar de compreensão de que o desemprego é um problema social, a autora contextualiza o trabalho informal de feira livre como uma alternativa que o trabalhador desempregado ou simplesmente assalariado, busca, para superar as dificuldades de âmbitos gerais, que a falta de emprego traz para ele, para sua família e para toda a sociedade.

Mediante a situação de miséria e vulnerabilidade que o desemprego tem acarretado na vida das famílias, o trabalho informal tem ajudado os pais de família a sustentar as necessidades necessárias para a sobrevivência. Onde os que não possuem emprego têm de certa forma, conseguido se manter, manter sua família, pagar seus impostos e assumir os seus compromissos. Enquanto, os que têm um

emprego de pouca remuneração, optam em se ocuparem em algo mais, que proporcione um adicional às suas finanças.

Considerando o contexto acima, podemos compreender o que diz Almeida, Carmo e Silva (2013) no artigo: O trabalho Informal como Alternativa no Mundo de Trabalho Atual:

É importante perceber o quanto se torna difícil o cotidiano desses trabalhadores que estão antes de tudo, vinculados a estas formas autônomas e desprotegidas de trabalho, pois são alvos de preconceitos, de violência, e claro, de uma subserviência a um sistema que, somente, explora e restringe os seus direitos deixando-os em condições ainda mais vulneráveis. (ALMEIDA; CARMO; SILVA, 2013, p.1).

Olhando o trabalho informal com um novo olhar poderemos entender que ele surge como uma forma de driblar o desemprego numa contrapartida ao que o Sistema Capitalista implantou em todo o seu processo histórico de que "todo homem para viver tem que ter um emprego". De fato, todos precisam sobreviver neste Sistema. Entretanto, estamos vendo que muitos que não têm um emprego têm conseguido se manter vivo. Em meio a essa dura e cruel realidade, poderemos considerar que o trabalho informal, seja na rua, seja em feira livre, poderá desmascarar o Sistema e poderá também proporcionar ao desempregado a oportunidade de ter seu próprio negócio e contribuir assim, para que ele consiga em meio a terrível crise do desemprego, obter seu sustento e o sustento de sua família, ainda que trabalhando na informalidade. Logo, nos é claro pensar que, mesmo tendo emergido da ideologia capitalista, o trabalho informal tem com certeza, contribuído para a sobrevivência de muitas famílias. Entretanto, nessa mesma vertente, tem em suma, favorecido no aumento da economia dos municípios, dos estados e conseqüentemente, do próprio país.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Conhecendo um pouco sobre o processo histórico de Feira Livre

Na Enciclopédia Luso-Brasileira (1995), há um texto que diz que:

As feiras são fenômenos econômicos, sociais, muito antigos e já eram conhecidas dos gregos e dos romanos, [...] as regras de sua criação e funcionamento dependiam da intervenção e garantia do estado. (AGÁPIO, 1995, p.502).

Se há alguém que ainda pensa que a feira livre é uma atividade nova, deve rever esse pensamento, buscando conhecer sobre o processo de comercialização em feiras livres, podendo assim, aprender que desde os tempos mais remotos, a feira livre vem fazendo prosperar a economia de cidades, de estados e até mesmo de países. E o artesanato se constituiu como principal meio de produção de mercadoria da época. Sendo, portanto, o pontapé para o que hoje chamamos de industrialização.

Sobre o papel das feiras livres na comunidade, Santos e Boechat (2015), afirmam em seu artigo que:

Na antiguidade, as feiras livres tinham o objetivo de promover trocas de mercadorias entre as pessoas de diferentes lugares e com diversos produtos, com a principal finalidade de suprir as necessidades pessoais de cada indivíduo. (SANTOS; BOECHAT, 2015, p.3).

No Brasil, as feiras existem desde o tempo da colonização, como um evento social que promoveu o desenvolvimento da economia interna do país. No site, Toda Matéria (2015), diz que “atualmente, é muito comum nas cidades brasileiras as feiras serem realizadas uma vez por semana em locais pré-determinados”. (TODA MATÉRIA – história e origem das feiras, 2015).

Ainda no ensino fundamental, aprendemos nos livros de História, que as Cruzadas impulsionaram de início o comércio de feira livre. Pois na época, as atividades comerciais eram responsáveis em atender as necessidades dos viajantes. Quanto mais aumentavam e se diversificavam as necessidades com a expansão da população, mais as feiras passavam a ter importância, ganhando um

papel de relevância na sociedade e proporcionando uma maior interação e comunicação entre os povos.

Agapio (1995) em seu texto sobre a temática “Feira Livre”, fala da roupagem diferenciada que as feiras possuem. Ele diz que a feira é um lugar cheio de sons, movimentado, descontraído e alegre. Ele ainda supõe que talvez seja por isso que esse tipo de atividade chama tanta atenção logo na primeira análise. Sobre isso esse mesmo autor comenta:

Os feirantes gritam apregoando a qualidade dos seus produtos e garantindo que o seu preço é o melhor da feira. As pessoas circulam muito, examinam, ou simplesmente estão a procura do que desejam [...] Em suma: uma “confusão” perfeitamente organizada onde tudo parece funcionar na hora e no lugar certo” (AGAPIO, Enciclopédia Luso-Brasileira, 1995, vol. 8 p. 502).

2.2 O surgimento da Feira do Curió

A Feirinha do Curió surgiu em junho de 2016, com a iniciativa de dois (des)montadores de barracas, que já trabalhavam em outras feiras. Os dois jovens senhores procuraram a Regional VI em Messejana – Fortaleza – CE, para pedirem ao setor responsável um alvará de funcionamento. Após algumas tentativas conseguiram o documento.

Com o papel em mãos, divulgaram a tão esperada feira. Reuniram os interessados, estabeleceram algumas regras de convivência, realizaram algumas reuniões com a comunidade local, com interessados de bairros vizinhos e em alguns dias a feirinha foi inaugurada. A mesma, que passou a funcionar toda quarta feira, iniciou-se com 25 a 30 barracas, tendo hoje cerca de 100 barracas, sendo metade de produtos alimentícios (frutas, verduras, legumes, condimentos, derivados do leite e etc.), e a outra metade, de não alimentícios (roupas, bijuterias, produtos importados, brinquedos e etc.).

Segundo alguns integrantes da feira e moradores do bairro, uma feirinha para o Curió já era um desejo antigo. Tanto que, a autora neste estudo observa a relação de parceria mútua que cada feirante possui uns com os outros.

Praticamente todas as barracas possuem mais de um responsável. Mesmo assim, é notória a relação de parceria entre integrantes e clientes. E quando não

se encontra um produto desejado em uma barraca, indica-se tranquilamente a barraca de outro vendedor. Também é bem comum observar entre os feirantes o clima de descontração, pois estão sempre se alegrando uns com os outros, embora, diante de tanta concorrência.

2.3 Contribuições sociais, culturais e econômicas da feira do Curió para a comunidade local e adjacente

Percebemos com o material que já foi apresentado nesta pesquisa, que as feiras livres representaram uma das formas mais antigas de comercialização de produtos. Por isso vem se desenvolvendo até o presente, com um importante papel econômico, social e cultural em toda a sociedade.

Na contemporaneidade, podemos compreender que se a feira livre for vista como um ponto de comercialização, ela se torna um forte instrumento de políticas públicas. A partir de um novo olhar - uma fonte geradora de emprego para a população e certamente mais renda para o município.

No âmbito cultural, notamos a moda que pode emergir das feiras através de suas mercadorias populares e do preço acessível, seja do setor de vestuário, calçado e acessórios, principalmente bijuterias, roupas e sandálias femininas que sempre aparecem como moda de personagens de novelas ou de outros programas de TV. E outros bem comuns também, são os brinquedos que trazem imagens de heróis de desenhos animados, que as crianças adoram.

Quanto à economia, entende-se que o trabalho informal na feira do Curió, tem contribuído bastante para a economia do bairro e conseqüentemente da cidade, pelo movimento financeiro que nasce na feira e acaba se estendendo em todo o município de Fortaleza.

Além do preço baixo da mercadoria, principalmente dos vegetais, a feira tem proporcionado uma melhor comunicação entre integrantes e clientes, como também tem facilitado a vida das donas de casa, pelo fato de morarem perto e não precisarem gastar com passagens em coletivos ou com combustível, para comprarem o que necessitam.

Acredita-se que o maior fator de contribuição do trabalho informal para as comunidades locais e adjacentes, é a questão de propiciar oportunidades para jovens e/ou pais de família desempregados, a começarem um negócio próprio com pouco capital e perto de casa.

2.4 Expandindo o conhecimento sobre o desemprego, sobre a importância do trabalho e sobre o trabalho informal

No livro Sociologia para jovens do século XXI, Oliveira e Costa (2016), explicam que o “desemprego é um problema social porque sua origem se relaciona com a forma de organização da sociedade, atingindo vários indivíduos”. (OLIVEIRA; COSTA, 2016, p.14)

Compreendemos, portanto, que o sistema de produção capitalista em toda a sua dimensão, tem criado uma barreira que tem separado as classes sociais, já não mais só em dominantes e dominados, mas, também, em desempregados e subempregados.

Sobre Trabalho, Oliveira e Costa (2016), dizem que nas sociedades europeias antigas, o trabalho era visto pelas elites como algo penoso e detestável. Os europeus acreditavam e pregavam que só “aquelas pessoas inferiores” e que se encontravam nas camadas mais baixas é que deviam trabalhar. (OLIVEIRA; COSTA, 2016, p.109).

Segundo Matsuo (2009), em sua tese de doutorado, o trabalho informal é considerado como um “desdobramento do excedente de mão de obra, com ocupações no setor não organizado do mercado de trabalho”. (MATSUO, 2009)

Nesse sentido, Oliveira e Costa (2016), dizem que de um lado temos o novo modelo de Estado neoliberal, que flexibiliza os direitos sociais, que segundo eles, se forem somado às privatizações, transforma tudo em mercadoria. Do outro lado, eles dizem que temos o trabalho informal (OLIVEIRA; COSTA, 2016, p.156).

Diante de todas essas informações sobre trabalho, desemprego e trabalho informal, podemos compreender que o capitalismo produz cada vez mais uma constante barbárie e que o trabalho informal emerge da dicotomia

homem/trabalho. Ainda nesse contexto, Cotrin e Fernandes comenta quando Adam Smith (1723-1790), em seu livro – A Riqueza das Nações (1776) defende a tese de que o trabalho em geral, representa a verdadeira fonte de riqueza para a nação. (SMITH, 1776, apud, COTRIN; FERNANDES, 2013, p. 280).

Percebemos, portanto, que desde os séculos passados, o trabalho já era visto como um fator de grande importância para a economia de uma nação. De acordo com Cotrin e Fernandes (2013), o trabalho é a atividade básica e essencial, que coloca nossa espécie, ou seja, nossa racionalidade, de maneira clara e definida, no universo da sociedade e da cultura. É por esta vertente que podemos compreender o que tentam nos explicar. (COTRIN; FERNANDES, p.14).

Pellegrini, Dias e Grinberg (2013), escrevendo sobre as relações de trabalho no Brasil, comentaram que, com a terceira Revolução Industrial, as relações de trabalho sofreram diversas modificações em todo o mundo, inclusive no Brasil. Dizem que por meio da automação de boa parte de seus processos produtivos, várias empresas eliminaram postos de trabalho em setores transformados por novas tecnologias, como a robótica, que passa a exigir cada vez menos trabalho humano, provocando assim, o aumento do desemprego. (PELLEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2013, p. 276).

Percebe-se, dentro do mesmo contexto, que com a automação das indústrias, a informatização dos bancos e a mecanização das atividades agropecuárias, houve redução na demanda por mão de obra. (PELLEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2013, p. 275). Afirmam que “cada vez mais as empresas estão exigindo mão de obra qualificada, dessa forma excluindo do mercado, milhares de trabalhadores que não tiverem uma formação adequada”. Entendemos, portanto, que talvez seja por isso que atribuem o desemprego no Brasil e o no mundo, um fenômeno ligado a diversos fatores. (PELLEGRINI; DIAS; GRIMBERG, 2013, p. 275).

Sobre o Trabalho Informal, Pellegrini, Dias e Grinberg (2013) afirmam que:

“[...] esse modelo de trabalho está crescendo entre os brasileiros, que buscam alternativas frente ao amplo quadro de desemprego, e também por vislumbrarem melhores oportunidades financeiras”. (PELLEGRINI; DIAS; GRINBERG, p. 276).

Esses autores concluem o assunto de trabalho, desemprego e trabalho informal propondo que:

[...] uma das principais formas de combater o desemprego, é investir em melhorias educacionais, nas escolas públicas de qualidade e projetos de reciclagem profissional, de modo a proporcionar a integração de um número maior de desempregados à economia global (PELLEGRINI, DIAS e GRINBERG, 2013, p. 276).

Diante de todo o contexto que esta pesquisa nos apresenta, passamos a compreender a importância do trabalho informal de feira livre e em toda a sua totalidade, como uma contrapartida ao insucesso dos resultados aplicados pelas políticas públicas para sanar o desemprego e melhorar a educação no município e no Estado. Fica explicado o desejo do povo de bairros suburbanos e periféricos de terem uma feirinha em sua comunidade ou em outra comunidade vizinha.

Sobre as revoluções que provocaram mudanças e ainda provocam em toda a sociedade Hobsbawm (1995, p. 74) comenta que “a história da economia mundial desde a Revolução Industrial tem sido de acelerado progresso técnico, de contínuo, mas irregular crescimento econômico, e de crescente globalização”. Percebemos a partir de Hobsbawm que é toda uma conjuntura que envolve a questão do capitalismo, do desemprego e do trabalho informal.

2.5 O trabalho como o diferencial dos seres humanos frente aos demais seres vivos

Pinto (2013), em referência ao trabalho diz que ele é o elemento responsável pela consolidação da cultura dos povos, e que ele, neste sentido, tornou-se a diferenciação política interna de suas comunidades. Esse autor explica que o trabalho se manteve e se mantém ainda, como a base da sobrevivência humana. (PINTO, 2013). Fica claro para o leitor o olhar do homem para o trabalho desde a sua constituição, como enfatizou Pinto.

Estudando sobre a organização do trabalho no século XX e conhecendo os métodos aplicados do Sistema de Produção Capitalista nas indústrias multinacionais, percebemos que as mudanças sutis que se expressavam para

diferenciar um sistema do outro, acabaram resultando em um mesmo objetivo: aumento de produção e mais lucro.

A burguesia desde sempre implantou na cabeça do proletário que ele não sobreviveria sem o trabalho. E de fato não sobreviveria mesmo. Afinal, nada possui para garantir a sua sobrevivência e a de sua família. Enquanto que, o burguês, tinha todos os meios de produção em mãos, inclusive o capital. E por isso, se consideravam isentos ao trabalho, comprando assim a força de trabalho do proletário e pagando baixíssimos salários por isso.

É bem comum ouvirmos pessoas dizerem que “o trabalho dignifica o homem”. Entretanto, se meditarmos nessa afirmação, levantaremos um questionamento: “e as pessoas honestas que vivem desempregadas, não têm dignidade”? Sobre isso Silva e Piolli fazem referência de Dejours (2004), que explica a tese conhecida como “centralidade do trabalho” mostrando que o trabalho desempenha um papel essencial de formação do espaço público, pois trabalhar não é só produzir, mais também é ainda viver junto. (DEJOURS, 2004, apud, SILVA; PIOLLI, 2017, p.51). A partir deste entendimento, podemos levantar outro questionamento: “se trabalhar é viver junto, então por que existe ainda tanto preconceito contra o trabalhador informal, que o faz considerar-se um desempregado”? Se fizermos uma ligação dessa observação com a do primeiro questionamento, perceberemos que o trabalhador informal acaba de certa forma, sendo taxado por falta de dignidade. Pois, se o trabalho com vínculo na carteira é o que realmente é considerado trabalho, então em que categoria de trabalho se enquadra o trabalhador informal?

Portanto, percebemos o preconceito que existe para com o trabalhador informal, ou subempregado, e principalmente para com o desempregado, propriamente dito. Em um trecho da música: “Um homem também chora” do cantor e compositor Gonzaguinha diz: “E sem o seu trabalho o homem não tem honra, e sem a sua honra se morre, se mata”. (GONZAGUINHA, 1983). Nesses versos compreendemos o sofrimento interior que existe na mente de um homem sem trabalho. Embora haja aqueles que dizem não se importar com a situação, observamos no nosso cotidiano que a grande maioria queixa-se pela falta de emprego.

Considerando o desemprego como uma questão social de emergência, podemos fazer uma relação do nosso entendimento com as palavras de Pinto:

Privar, portanto, uma pessoa do trabalho, além de tudo, arrisca sua sobrevivência física, pois mesmo no caso de esta ser assegurada fora das condições normais de cooperação no trabalho, a ausência de reconhecimento da própria identidade, decorrente desse processo, promove grande sofrimento e leva a distorções na percepção e no comportamento dos indivíduos a ele submetidos (PINTO, 2013, p.10).

Com o número assustador de desemprego e com a grande procura que sabemos que existe nas filas do Sistema Nacional de Emprego (SINE), nos classificados dos jornais e nos programas de rádio de vagas de empregos, deduzimos que as pessoas põem todas as suas expectativas e esperanças em um trabalho. E quando este, não surge, o desempregado vai atrás de qualquer ocupação que lhe proporcione meios para sobreviver. E mediante essa situação, aparece o perigo: uns correm em direção à informalidade, enquanto outros correm para o mundo do crime. E outros acabam caindo em uma total vulnerabilidade. Sobre o perfil estabelecido pelo Sistema de Produção Capitalista para o trabalhador, Oliveira e Costa (2016) comentam que “o trabalhador que as empresas querem hoje é aquele considerado versátil, capaz de adaptar às regras da empresa”. E continuam explicando o que o capitalismo que traz à sociedade “[...] já não produz somente a marginalização, mas amplia a exclusão e a instalação da precariedade por toda parte” (OLIVEIRA e COSTA, p. 159).

O trabalhador que as empresas buscam é este que possua tempo e desejo de dedicar-se inteiramente ao trabalho. É o chamado “polivalente” ou “multifuncional”. Deve ser o funcionário apto a desenvolver as mais diversas atividades. Assim o trabalhador viverá para o seu trabalho e a empresa continuará aumentando seu lucro e conseqüentemente, acumulando mais capital. Diante dessa compreensão, podemos concluir a precariedade a qual Oliveira e Costa referem-se.

Frigotto em uma entrevista comenta sobre o que o historiador inglês Eric Hobsbawn (1992), falou a respeito do mercado de trabalho, quando diz que o mesmo exclui de tal maneira, que compara o dano causado por essa exclusão à poluição ocasionada pelo gás carbônico. (HOBSBAWN, 1992, apud, FRIGOTTO,

2014, p.99). E vemos mesmo, muitos casos de pessoas que trabalham anos e anos dentro de uma indústria, quando saem, estão velhas, cansadas e cheias de problemas sérios de saúde. Quando conseguem uma aposentadoria por tempo de serviço ou por invalidez vão viver o restante de suas vidas ganhando apenas para sobreviverem e comprarem remédios. Entendemos, portanto, que é o capitalismo, em um processo de conduzir à eliminação física do trabalhador.

Partindo da premissa de compreender que o “trabalho” é o que diferencia a humanidade de outros seres vivos, podemos após a leitura deste estudo, entender que se nas sociedades europeias antigas a elite considerava o trabalho uma atividade penosa e detestável, destinada exclusivamente aos pobres, então que diferença teria essa mesma elite dos outros seres vivos? Daí então, concluímos que a “verdade” criada de que o trabalho é o que dignifica e o que diferencia o ser humano, nada mais é do que o senso comum mistificando esta ideia e implantando-a na cabeça do trabalhador.

Nos nossos dias percebemos a ansiedade que há nas pessoas por um trabalho que possa lhes proporcionar melhores condições de vida. Até mesmo os adolescentes, geralmente a partir dos dezesseis anos de idade, já começam a estabelecer metas para um futuro promissor. E essa ansiedade tem aumentado neste século XXI, de forma acelerada. É o que podemos notar quando vamos a uma agência de empregos ou de estágios.

Segundo Beloque (2007), a relação de emprego é o invólucro do trabalho assalariado, e este salário permite apenas padrões mínimos de sobrevivência. (BELOQUE, 2007, p.10). Se pararmos para pensar no que Beloque quis dizer, entenderemos o desespero que uma pessoa sem um trabalho sente, quando se encontra numa situação completamente sem perspectiva de sobreviver. Pois, se um salário só pode lhe proporcionar a sobrevivência, como viverá então o indivíduo que nem mesmo isso tem?

Sobre a informalidade, Beloque ressalta em um contexto de que ela com frequência é caracterizada como um resultado do elevado índice de desemprego. (BELOQUE, 2007, p.12). E o que mais ouvimos da boca de um trabalhador informal é exatamente isto: “como não há emprego, preciso trabalhar de alguma forma”. Nisso conseguimos fazer uma direta relação com o que escreveu Beloque.

Diante da situação do homem na sociedade com as novas formas de trabalho, Vicentino diz que “o surgimento da mecanização industrial operou significativas transformações em quase todos os setores da vida humana”. (VICENTINO, 2002, p. 292). Certamente podemos constatar no nosso cotidiano a veracidade das palavras de Vicentino, quando vemos hoje a humanidade ansiosa e constantemente insatisfeita por conta do sistema opressor e manipulador em que vivemos.

Conhecemos a partir da história do capitalismo, que com a queda do feudalismo, houve uma grande revolução que favoreceu a burguesia na tomada do poder econômico e conseqüentemente o controle de todo o progresso e desenvolvimento no mundo. Com todo este processo alavancou, o que podemos chamar de escravidão industrial. O trabalhador operário passou a se submeter a uma baixíssima remuneração, a condições subumanas de vida e de trabalho e a uma exorbitante escala de tempo para uma jornada absurda de trabalho dentro da indústria.

Sobre as mudanças que aconteceram no exercício do trabalho, Araújo, Bridi e Motim (2013), comentam:

O significado atribuído ao ato de trabalhar tem variado ao longo do tempo. Nas antigas Grécia e Roma, por exemplo, a base da mão de obra era escrava, constituída geralmente por prisioneiros de guerra ou escravizados por dívida. O trabalho manual era considerado indigno pelas elites, que usavam os escravos para a produção, dedicando seu tempo às atividades intelectuais, políticas e artísticas. (...) O trabalho político, por sua vez, era realizado pelos intelectuais, filósofos e artistas. Também é importante ressaltar que as mulheres, salvo exceções, eram excluídas tanto do trabalho político quanto da filosofia, da arte e da intelectualidade. (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2013, p.92).

Compreendemos com as palavras acima que o trabalho foi instituído pela classe dominante sobre a classe dominada. E por maior que fosse a necessidade do homem, mais pesado e cobrado dele seria o seu trabalho. Em compensação, quanto mais intelectual, estratégico e dominador fosse outros, menos e menor seria o seu dever de exercer o ato de trabalhar.

Por mais que tenham acontecido algumas pequenas mudanças no processo de escravidão industrial, ainda hoje é notório o esquema de exploração e manipulação sobre o trabalhador por parte do empregador. Razão pela qual se

pode compreender não só o aumento do desemprego, como também a procura do trabalhador pela informalidade.

Podemos concluir que não é só pela questão do desemprego que o trabalhador busca sobreviver com o trabalho informal. Mas também, pelo fato de vivermos em uma sociedade em que o sistema dominante continua a explorar e manipular a classe trabalhadora. E diante dessa realidade, muitos se nega a viver debaixo da dominação absurda de uma minoria, e preferem correr atrás da sua sobrevivência e a de sua família trabalhando por conta própria.

Assistindo ao documentário “Cena Rio: Sustentabilidade em ação”, é possível compreendermos o quanto versátil pode ser o trabalhador informal que trabalha no ramo de feiras. Deparamo-nos com pessoas simples, que utilizam seus dons e talentos na confecção de artesanatos, comidas, roupas, calçados e acessórios, para honestamente sobreviverem. De maneira que contribuem com a economia e ao mesmo tempo com o meio ambiente. E sem esquecermos que serve de lição para muitos que se encontram desempregados e já sem esperança ou nenhuma perspectiva de mudança.

Sobre a presença marcante do homem comerciante que entra em cena e provoca uma ruptura no Sistema transformando-o em um Novo Mundo, Leo Huberman (1981) em seu livro: História da Riqueza do Homem, traz a importante declaração: "Hoje em dia poucas pessoas abastadas guardam cofres cheios de ouro e prata. Quem tem dinheiro não deseja guarda-lo, mas sim movimentá-lo. (HUBERMAN, 1936).

De acordo com a declaração de Huberman compreendemos o grande empenho do homem moderno em não só acumular riqueza, mas principalmente, movimenta-la. Neste mesmo contexto percebemos a mudança que aconteceu de um mundo de troca para um mundo de compra e vendas.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 Tipo de pesquisa

Como o objetivo principal deste estudo é o de identificar as contribuições econômicas, sociais e culturais do trabalho informal da feira livre do Curió aos seus integrantes, clientes, à comunidade local e às vizinhas, e ao mesmo tempo à própria cidade de Fortaleza, a autora faz uso, portanto, da pesquisa descritiva, utilizando uma abordagem quantitativo-qualitativa.

A pesquisa descritiva, muito utilizada nas ciências humanas e sociais, se caracteriza, segundo Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 61-62) por “busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas”.

Para uma melhor compreensão do assunto em pauta, esta pesquisa é fortalecida na coleta de dados bibliográficos juntos a livros, artigos e sites que trabalham na contextualização do desemprego, da representação do trabalho, do trabalho informal, do capitalismo e das relações sociais entre todos esses elementos.

3.2 Local e sujeitos da pesquisa

Esta pesquisa foi aplicada diretamente ao público alvo, no caso, aos trabalhadores informais da Feira do Curió, como também aos clientes da feira. Foi estudado o processo de feira livre na sociedade, o desemprego e o trabalho informal, especificando a feirinha do bairro Curió em Fortaleza-CE, sendo a pesquisa focada na contextualização dos elementos estudados e indo, portanto, na premissa de se chegar a um resultado satisfatório, de objetivo alcançado.

Para a realização desta pesquisa foram investigados três feirantes e três clientes da feira. Os feirantes e os clientes investigados são aqui identificados pelas iniciais de seus nomes e sobrenomes, prezando o anonimato dos mesmos.

Dentre os feirantes estão: **S.O.**, de 22 anos e proprietária de barraca de hortaliças e verduras verdes; **N.A.**, de 20 anos e que é ajudante numa barraca que vende peixe e **D.S.**, de 21 anos, atual líder da feira, montador/desmontador de barracas e ajudante de barraqueiros proprietários. Já os clientes investigados são: **R.R.**, dona de casa e estudante, com idade de 50 anos; **Z.S.**, aposentada de 83 anos e **E.M.**, 18 anos e estudante.

3.3 Obtenção dos dados

O primeiro passo tomado para iniciar esta pesquisa foi a coleta de dados bibliográficos, no intuito da busca de mais conhecimentos sobre o surgimento de feira livre na sociedade, o desemprego e suas consequências, um breve estudo sobre o capitalismo e suas mazelas, e uma interação através da leitura de livros, artigos e sites com estudos voltados para a modalidade de trabalho informal.

Para a coleta de dados deste estudo foram aplicados dois questionários para cada público-alvo, sendo um destinado a um grupo de três pessoas integrantes da Feira do Curió (APÊNDICE A), composto por 10 questões (sendo 7 objetivas ou fechadas e 3 subjetivas ou abertas), e o outro, destinado a três clientes (APÊNDICE B), contendo 5 perguntas (sendo 4 fechadas e apenas 1 aberta).

Optou-se por essa técnica de pesquisa por ser uma das formas mais utilizadas e de maior exatidão para a coleta de dados, pois de acordo com Severino (2016, p. 134) o questionário é um “conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião destes sobre os assuntos em estudo”. Dessa maneira, procurou-se relacionar as questões elaboradas aos objetivos da pesquisa e torná-las o mais compreensível possível de modo a evitar dúvidas por parte dos sujeitos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Diagnóstico sobre os feirantes

Na primeira questão do questionário perguntou-se sobre quanto tempo já faz que ele(a) trabalha na feira. Conforme a Figura 1, a seguir, observa-se que 100% dos feirantes investigados já trabalham há mais de 1 ano na feira do Curió.

Figura 1 - Pergunta 1 do questionário I



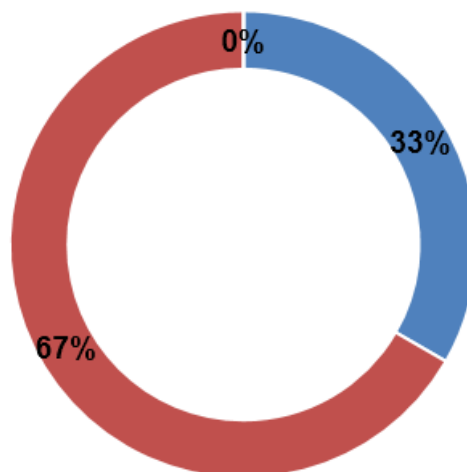
- Menos de 6 meses
- Entre 6 meses e um ano
- Mais de 1 ano

Fonte: a autora

A segunda pergunta investigou sobre o horário de início dos serviços na feira, como ilustrado na Figura 2, abaixo. Nota-se que a maior parte dos feirantes (67%) iniciam os seus trabalhos entre 4h e 6h da manhã e que 33% deles começam suas atividades antes das 4h, bem antes do nascer do sol.

Figura 2 - Pergunta 2 do questionário I

A que horas você inicia o seu trabalho na feira?



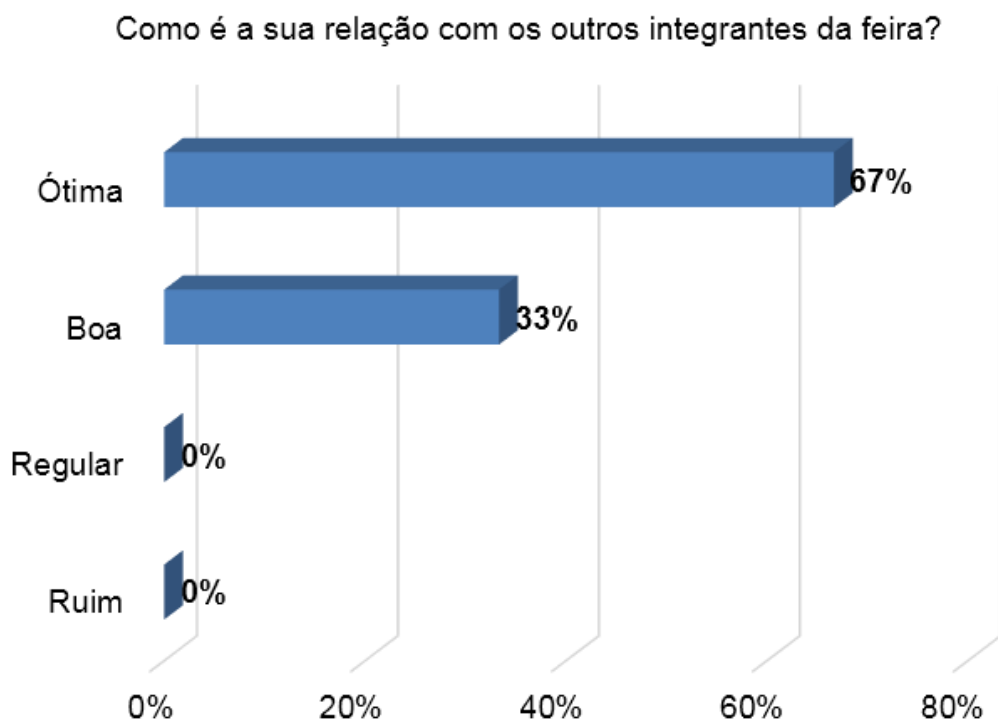
■ Antes das 4h da manhã ■ Entre 4h e 6h da manhã ■ Depois das 6h da manhã

Fonte: a autora

Dessa maneira, infere-se que os serviços na feira, de modo geral, iniciam antes das 6h da manhã. Geralmente, esse é o horário de início da maioria das feiras livres de todo o país, o que faz bastante sentido, pois tanto os clientes querem chegar cedo para adquirirem produtos com mais qualidade, como os feirantes querem voltar para suas casas mais cedo e evitar desperdícios de seus produtos – como vegetais e carnes – que se estragam mais rapidamente conforme o aumento da temperatura, o que é comum devido ao calor da região.

Na investigação da relação social entre os integrantes da feira, foi possível observar, de acordo com a terceira pergunta do questionário (Figura 3), que 67% dos pesquisados consideram ótima a relação de amizade entre os feirantes e 33% deles consideram boa.

Figura 3 - Pergunta 3 do questionário I



Fonte: a autora

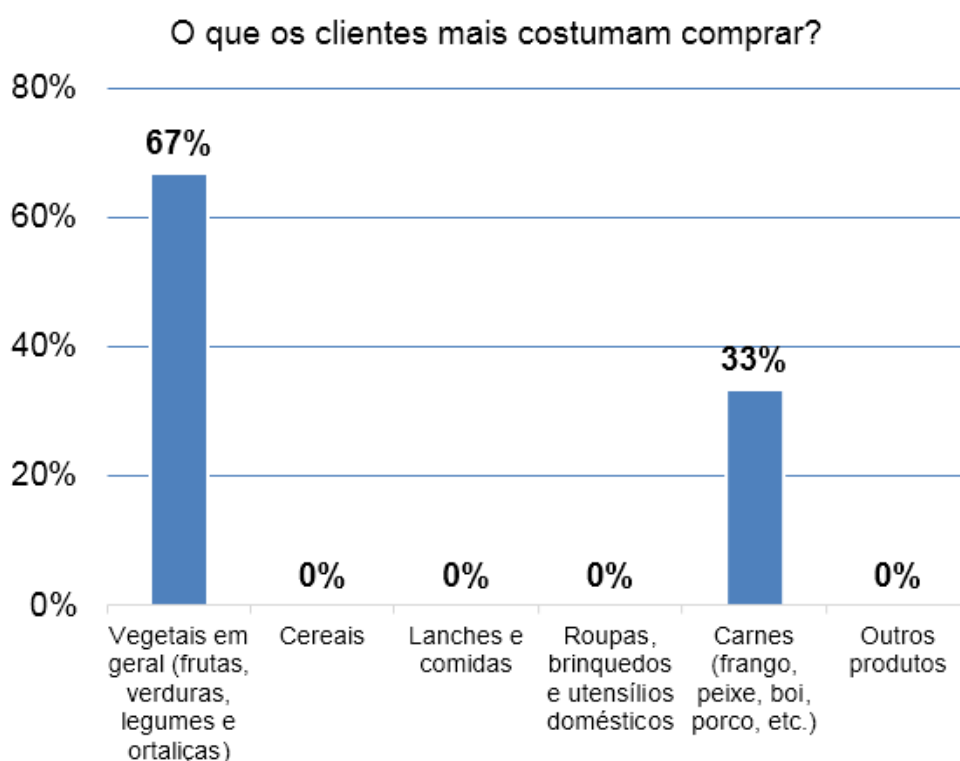
Com isso, percebe-se que 100% deles admitem que há uma relação social positiva entre eles. É válido ressaltar que, durante a pesquisa em campo, alguns dos pesquisados comentaram sobre essa pergunta. A feirante S.O. relatou que ela e seus colegas de trabalho sempre tiveram uma relação de amizade muito agradável. Já a ajudante N.A. comentou que existe uma relação muito boa, não há brigas nem desentendimentos e que apesar da concorrência, todos procuram trabalhar sem uma disputa nociva. Dessa maneira, em um clima positivo de amizade como o caso relatado acima, todos os feirantes acabam se beneficiando de algum modo, pois – por exemplo – se um determinado cliente for comprar 1 kg de frango na barraca do feirante X e nessa estiver faltando o dito produto, esse mesmo feirante poderá indicar o feirante Y ou outro qualquer que também venda frango.

Vemos que apesar da concorrência, os feirantes conseguem manter o elo de amizade sem se perturbarem ou criarem atritos uns com os outros. O feirante compreende que todos estão ali pelo mesmo objetivo: correr atrás do seu pão de cada dia e o de sua família. Esse raciocínio está de acordo com as palavras de Salomão e Saldanha (2017, p. 271), ao afirmarem que: “as feiras compõem uma

aberta rede de interações sociais, onde linguagem, discurso, signos, objetos, encontro e trabalho vivenciam o contexto da vida social dos indivíduos que ali vendem, compram, falam, olham, sentem”.

Para saber, na percepção dos vendedores, que produto os clientes mais costumam comprar (Figura 4), 67% responderam que esses procuram com maior frequência vegetais em geral e 33% acreditam que o produto mais comprado pelos clientes seja carnes.

Figura 4 - Pergunta 4 do questionário I



Fonte: a autora

A quinta pergunta do questionário questionou o porquê da escolha de trabalhar na feira. O Quadro 1, a seguir, mostra as respostas dos feirantes participantes da pesquisa.

Quadro 1 - Pergunta 5 do questionário I: por que você escolheu ser feirante?

Feirante	Resposta
S.O.	<i>“Porque é um trabalho dinâmico e porque à medida que o proprietário cresce no seu próprio negócio ele pode proporcionar oportunidade à outras pessoas de trabalharem na feira. Isto é o mais gratificante: poder crescer com o nosso trabalho e oferecer essa mesma oportunidade a outros”.</i>
N.A.	<i>“Porque eu amo trabalhar na feira. É um trabalho que nos proporciona mais liberdade. Um lugar onde todos trabalham muito, e brincam muito também, uns com os outros”.</i>
D.S.	<i>“Porque é muito bom trabalhar brincando uns com os outros. Também acho muito chato trabalhar em ambiente fechado e com pessoas muito mandonas. Na feira é bom porque apesar da grande correria e responsabilidades que temos que ter, todos procuram se respeitar e compreender que todos estão ali pelo mesmo objetivo: vender sua mercadoria através do seu trabalho. A feira é também um lugar aberto, com muito movimento de pessoas e aí acabamos conhecendo muita gente e fazendo muitas amizades”.</i>

Fonte: a autora

É possível perceber que é notória a satisfação desses trabalhadores em atuar nessa atividade profissional. Observa-se pelas falas dos próprios feirantes, que eles estão contentes com as suas ocupações não só pelo fato de considerarem o local de trabalho um ambiente agradável e divertido, mais também por acreditarem que podem gerar oportunidades para alguém que esteja desempregado e por fazerem novas amizades. Dessa forma, eles buscam em seu labor desenvolverem atitudes positivas como o respeito e ajuda recíproca para o desenvolvimento pessoal e profissional do próximo.

Esse resultado está de acordo com o pensamento de Freitas, Fontes e Oliveira, ao afirmarem que: “as feiras-livres proporcionam ao imaginário popular um universo de proximidades, de figuras, de encantamento, de repulsa e confusões de fronteiras” (FREITAS; FONTES; OLIVEIRA, 2008, p. 130).

O resultado da pergunta anterior (Quadro 1) também é confirmado pelas respostas da questão seguinte (Figura 5), a qual indagou sobre o apreço de trabalhar em feira livre.

Figura 5 - Pergunta 6 do questionário I



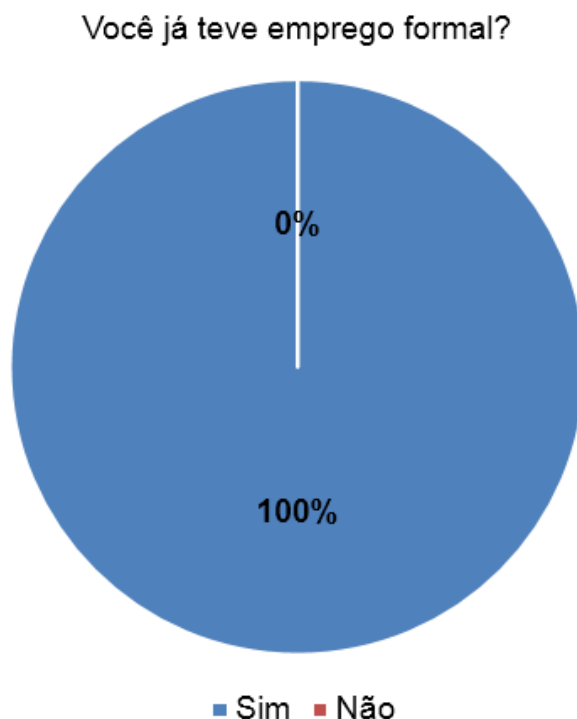
Fonte: a autora

Como ilustrado na Figura 5, acima, fica evidente que os feirantes pesquisados prezam pelos seus afazeres, haja vista que 100% deles responderam “sim”. Com base nesse e no último resultado apontado, observa-se que os feirantes têm afinidade com o seu trabalho, o que faz sentido, pois segundo eles mesmos (Figura 3) existe uma relação social muito boa entre os integrantes da feira. Nota-se, portanto, que o lucro não é apenas o único fator desejado, mais acima de tudo um ambiente de crescimento mútuo em relação aos valores morais. Além disso, embora seja um lugar simples e de muita movimentação, as pessoas que ali trabalham e as que fazem compras se sentem bem e interagem de maneira harmoniosa e descontraída.

A sétima pergunta do questionário procurou investigar se os trabalhadores pesquisados já tiveram emprego formal. Como resultado dessa pesquisa, verifica-

se de acordo com a Figura 6 abaixo, que 100% deles já tiveram um emprego formal.

Figura 6 - Pergunta 7 do questionário I



Fonte: a autora

Um dos feirantes participantes deste estudo comentou que já teve emprego de carteira assinada, mas decidiu ficar somente com o trabalho na feira, pois, segundo ele, apesar de ser cansativo, além de oferecer mais liberdade, também tem um retorno financeiro maior, faz mais amizades, se desocupa mais cedo para se dedicar aos seus estudos e à outras atividades do dia a dia e, o principal, é que ele é o próprio patrão.

O comentário acima, feito por um dos feirantes, ratifica as respostas de seus colegas dadas no Quadro I, já discutido anteriormente. Infere-se que o apreço ou satisfação que eles possuem por essa ocupação seja devido ao fato de serem donos do próprio negócio e terem maior flexibilidade, capacidade de inovação, convivência social satisfatória, disponibilidade para exercerem outras atividades correlatas ou distintas, além de melhor retorno financeiro. Nesse sentido, Almeida, Carmo e Silva (2013, p. 418) ressaltam que:

Um dos motivos que faz o trabalho informal crescer é o fato de que ele é visto como uma possibilidade de enriquecer, enquanto no trabalho formal você pode passar toda sua vida em uma mesma função sempre recebendo um salário base sem ter muitas expectativas de crescimento rápido (ALMEIDA; CARMO; SILVA, p. 418, 2013).

A oitava pergunta do questionário pesquisou a respeito do que eles mais gostam de vender na feira do Curió, como observado no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 - Pergunta 8 do questionário I: o que você mais gosta de vender na feira?

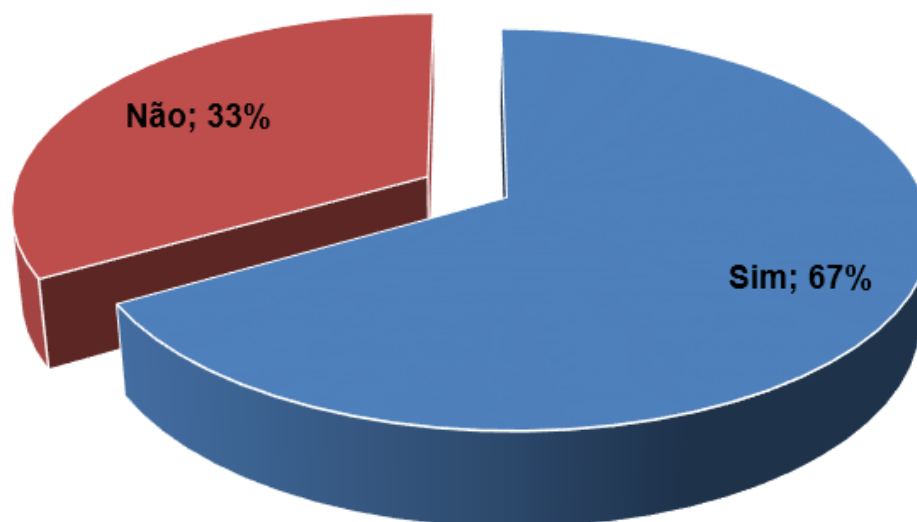
Feirante	Resposta
S.O.	<i>“Gosto de trabalhar com o que eu sempre trabalhei: vegetais verdes (verduras e hortaliças). Pois além de ser uma mercadoria bem vendável e de preço bem acessível, também estou contribuindo para a saúde dos meus clientes e ajudando no desenvolvimento e preservação do meio ambiente com o plantio e a colheita”.</i>
N.A.	<i>“Já trabalhei como ajudante em bancas de vegetais em geral. Atualmente estou como ajudante em barraca de peixe. Gosto, mas gosto mais de trabalhar vendendo frutas, legumes e verduras”.</i>
D.S.	<i>“Gosto de tudo. No momento não estou trabalhando com vendas, mas se precisar vendo qualquer coisa. Pois o sucesso das vendas depende do preço e da mercadoria, do atendimento e da propaganda”.</i>

Fonte: a autora

A nona questão examinou se os trabalhadores já sofreram algum preconceito por serem feirantes. Na Figura 7, abaixo, observa-se que a maioria deles (67%) já sofreram algum tipo de preconceito e os outros (33%) nunca sofreram algum preconceito relacionado à sua profissão.

Figura 7 - Pergunta 9 do questionário I

Você sofre ou já sofreu algum preconceito por ser feirante?



Fonte: a autora

Os feirantes comentaram sobre esse questionamento. S.O., proprietária de barraca de hortaliças e verduras verdes, afirmou que dentro da feira nunca sofreu nenhum preconceito, seja pelos outros feirantes ou clientes. Pelo contrário, ela sempre recebeu elogios. No entanto, já ouviu muitas pessoas de fora dizendo que feira não é lugar para mulher.

A jovem ajudante N.A., de 20 anos, relatou que na feira jamais sofreu preconceito, mas no bairro já sofreu preconceito de gênero. Disse ainda que sofreu críticas por ser mulher e trabalhar em feira. Também, por estar agora vendendo peixe, as pessoas de fora criticaram seu trabalho associando-o a algo que tem mau cheiro. Já D.S., atual líder da feira e que monta e desmonta barracas, comentou que nunca sofreu nenhum tipo de preconceito por trabalhar em feira livre.

A última pergunta do questionário aplicado aos feirantes procurou sondá-los em relação a que mensagem ou reflexão eles poderiam deixar para as pessoas que trabalham na informalidade, já que eles fazem parte desse universo. O Quadro 3, a seguir, nos mostra o posicionamento de cada feirante que participou da pesquisa.

Quadro 3 - Pergunta 10 do questionário I: que mensagem você tem para quem trabalha na informalidade?

Feirante	Resposta
S.O.	<i>“Todo trabalho é digno, desde que seja honesto e não fira ou lese os direitos dos seus semelhantes. Trabalhar na informalidade requer muito esforço, dedicação e perseverança, mas é um trabalho muito gratificante, mesmo que se trabalhe para terceiros, pois se houver paciência e persistência por parte do ajudante, ele poderá se tornar dono do seu próprio negócio e proporcionar essa mesma oportunidade a outros”.</i>
N.A.	<i>“Devemos trabalhar sem desanimar. Não importa a situação que temos que enfrentar. Estou gestante e só vou parar de trabalhar quando for pra ter o meu bebê. Quando ele já estiver durinho vou reverter com o pai dele ou deixar ele com a avó e volto ao meu trabalho na feira”.</i>
D.S.	<i>“Trabalhar honestamente sempre. Não desanimar diante dos obstáculos. Procurar manter uma boa relação de amizade. Não ser egoísta e nem ter besteira com nada”.</i>

Fonte: a autora

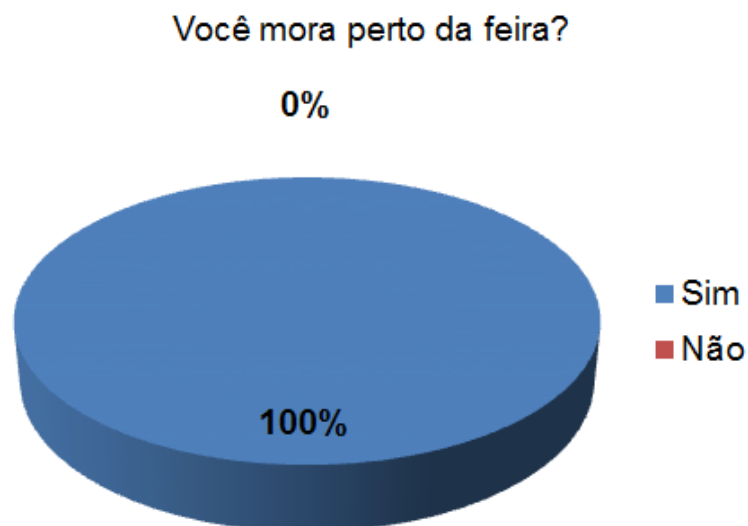
Podemos observar que os feirantes apresentam uma grande satisfação ao falarem sobre suas atividades de trabalho na feira. Mesmo admitindo que seja um trabalho corrido, eles nos deixa claro que trabalhar na feira é prazeroso por terem mais liberdade, por não sofrerem uma pressão psicológica por parte dos patrões, pelo trabalho descontraído com brincadeiras e por conhecerem muitas pessoas, aumentando assim o círculo de amizade.

4.2 Diagnóstico sobre os clientes da feira

O segundo questionário foi aplicado aos clientes da feira para verificar a percepção deles em relação aos feirantes, ao trabalho informal e outros aspectos. A primeira questão procurou analisar a distância de locomoção dos clientes até a

feira do Curió. Como se verifica na Figura 8 abaixo, 100% dos clientes pesquisados moram próximo a feira.

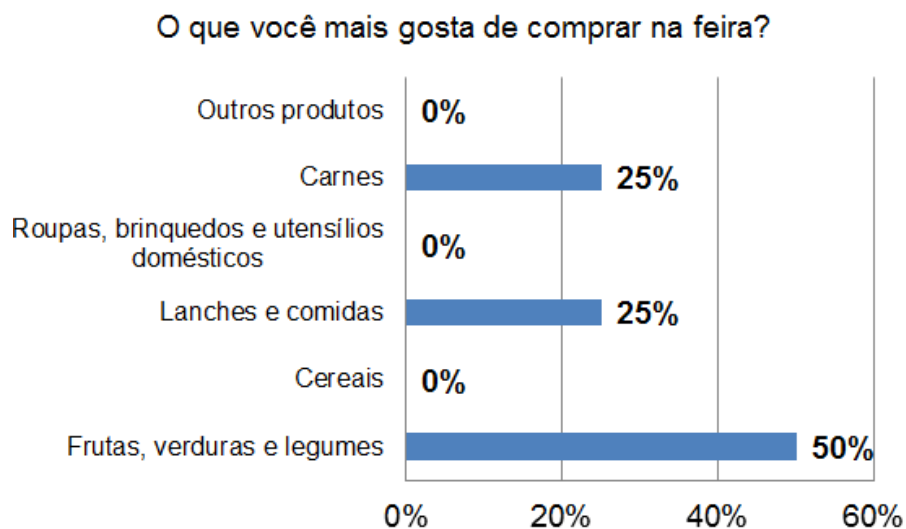
Figura 8 - Pergunta 1 do questionário II



Fonte: a autora

A segunda questão do questionário interrogou aos clientes sobre quais itens eles mais gostavam de comprar na feira, podendo escolher mais de uma alternativa. O resultado dessa investigação pode ser visualizado na Figura 9, abaixo.

Figura 9 - Pergunta 2 do questionário II

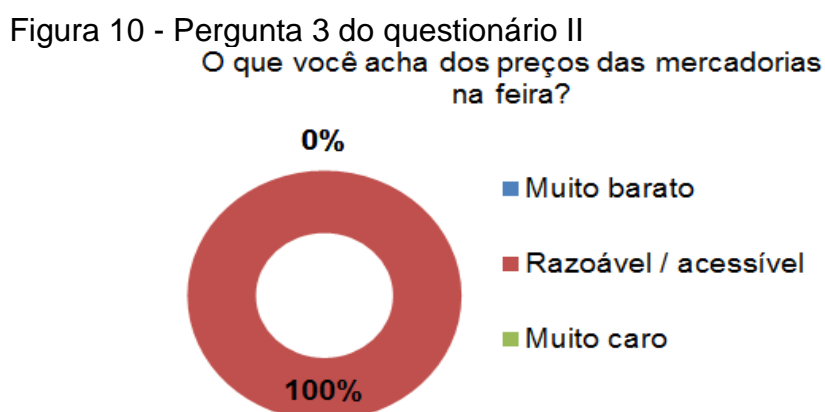


Fonte: a autora

Podemos observar que o tipo de mercadoria mais procurado pelos clientes (50%) são frutas, verduras e legumes. A outra metade somam juntos produtos como carnes, lanches e comidas. Esse diagnóstico está coerente com o resultado da quarta pergunta do questionário I (aplicado aos feirantes), conforme observado na Figura 4, onde 67% dos feirantes afirmaram que os vegetais em geral são os produtos mais comprados pelos clientes da feira.

É válido ressaltar que a grande procura por vegetais em geral decorre não só pela variedade desses produtos, mais também do preço acessível (se comparado aos preços nos supermercados), além da qualidade dos mesmos, já que na maioria das vezes, trata-se de produtos orgânicos (agricultura orgânica), sem a presença de agrotóxicos que são produtos químicos usados na agricultura. Os lanches e comidas típicas também são produtos muito procurados pelos clientes da feira do Curió, pois ao entorno dela existem muitos pontos comerciais, como – por exemplo – lojas de variedades, escritórios, oficinas, etc., onde seus funcionários e também a comunidade local acabam aproveitando a proximidade e a diversidade de mercadorias da feira para se alimentarem e/ou fazerem compras para seus lares.

Para investigar a opinião dos clientes sobre o preço das mercadorias vendidas na feira, elaborou-se a terceira questão, chegando ao seguinte resultado abaixo (Figura 10).



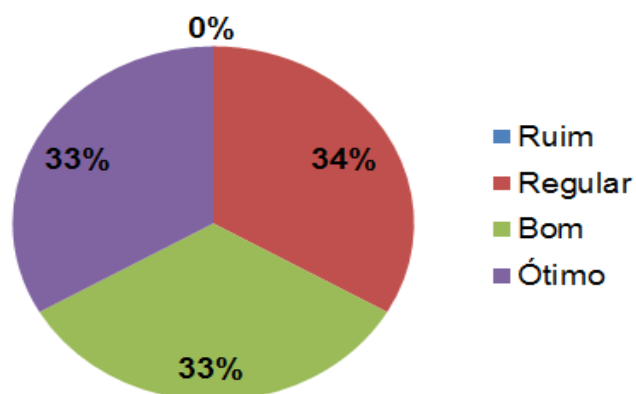
Fonte: a autora

Como ilustrado na figura acima, 100% dos clientes que participaram deste estudo disseram que o preço das mercadorias é razoável ou acessível.

Por meio da quarta pergunta do questionário foi possível verificar como os clientes são tratados pelos feirantes. A Figura 11, a seguir, nos mostra que houve um empate (33%) nas respostas dos clientes que consideraram regular, bom ou ótimo a forma como são tratados pelos trabalhadores da feira.

Figura 11 - Pergunta 4 do questionário II

Como é o tratamento dos feirantes com você?



Fonte: a autora

É interessante perceber que cada cliente pesquisado tem uma opinião diferente em relação ao modo como é tratado pelos feirantes. Partindo das respostas dadas, percebemos que muitas vezes o mais desejado ou agradável para eles é o bom preço e a qualidade da mercadoria. Há aqueles clientes que se preocupam muito também com o atendimento, porém existe clientes que não se importam tanto se vão ser atendidos com muita simpatia ou tanta delicadeza assim.

É possível ainda que exista aquele que só se preocupa mesmo é com a mercadoria, que essa esteja nova, limpa, agradável e com um precinho que cabe em seu bolso e que o atendente mostre agilidade no atendimento, sendo rápido e prático na hora de embalar a mercadoria e passar o troco, se houver. Isso acontece muito quando, tanto o feirante quanto o cliente, são determinados em fazer o que realmente lhes cabe: o feirante vai para vender seu produto e o cliente vai para comprar. É o que costumam chamar de "gente desenrolada", ou seja, pessoas decididas que não perdem tempo com banalidades, enaltecendo o ditado que diz que o "tempo é ouro". De acordo com Silveira et al. (2017, p. 7):

Para que haja uma conquista de clientes é preciso superar as concorrências, mas para isso precisa primeiramente conquistar o seu cliente de uma forma que faça com que ele se sinta bem, tendo um conforto, superando suas expectativas, lhe proporcionando um bom atendimento, bons produtos ou serviços que façam com que ele se sinta em casa.

A última pergunta do questionário investigou a percepção dos clientes em relação ao trabalho informal e, como exposto no Quadro 4 a seguir, apresentamos a opinião dos pesquisados.

Quadro 4 - Pergunta 5 do questionário II: o que você acha do trabalho informal?

Cliente	Resposta
R.R.	<i>“Acho muito bom. É melhor do que trabalhar para os outros e, se tiver alguém na feira que não seja proprietário, ainda é melhor do que trabalhar em empresas privadas”.</i>
Z.S.	<i>“É um trabalho necessário devido às circunstâncias políticas e econômicas que vive o nosso país há muitas décadas. O desemprego e a inflação têm ocasionado consequências que levam o cidadão a procurar outras fontes de sobrevivência”.</i>
E.M.	<i>“Uma forma honesta de driblar o desemprego e reagir à inflação. Uma ótima oportunidade para quem se encontra desempregado e uma outra opção para quem quer aumentar sua renda familiar”.</i>

Fonte: a autora

Podemos perceber que os clientes têm uma opinião positiva em relação ao trabalho informal, já que todos julgaram ser um trabalho honesto, alternativo ou necessário. Esse pensamento pode ser confirmado pelo enfoque dado por Beloque (2007, p. 158), em seu trabalho intitulado “A Cor do Trabalho Informal”, ao comentar que as atividades das últimas décadas são exatamente as atividades informais, já que segundo a autora, elas são “espécies de trabalho que fazem parte da economia desde o início do capitalismo”. Ela explica que essas atividades vieram se combinando com as formas de produção capitalista e influenciando no desenvolvimento deste sistema econômico.

5 CONCLUSÃO

Diante da temática trabalhada nesta pesquisa é possível mostrar ao leitor uma nova percepção do que realmente seja o trabalho informal e da sua importância nas esferas econômica, social e cultural da nossa sociedade. Observamos as relações sociais existentes de feirantes para feirantes, de feirantes para clientes, de clientes para feirantes e de clientes para clientes. Neste contexto, percebemos a forte relevância da integração dos envolvidos e o forte mecanismo usado por eles de interagir com o trabalho informal, como também de interagir de um para com o outro, superando o sentimento nocivo de concorrência.

A Feira do Curió ou Feirinha do Curió como é mais conhecida, embora sendo uma feira de pequeno porte, tem oferecido oportunidades não só de resistência ao desemprego, como também: tem proporcionado oportunidade aos seus integrantes de abrir seu próprio negócio, podendo crescer economicamente; tem proposto aos que são apenas ajudantes em aprenderem técnicas de venda e uma remuneração que lhes propiciem chances futuras de terem suas próprias barracas com as mercadorias que mais lhes interessarem e que eles já terão um conhecimento se são vendáveis ou não; tem facilitado a vida dos moradores do bairro e das pessoas dos bairros vizinhos por terem mercadorias de qualidade, com um preço acessível, atendimento satisfatório e flexível, e, finalmente, com esses elementos apresentados, tem ajudado no melhoramento da economia do bairro e conseqüentemente do próprio município.

Concluimos, portanto, que os objetivos geral e específicos foram alcançados neste trabalho de pesquisa numa premissa de um novo olhar da sociedade ao trabalhador informal e ao trabalho em feiras-livres, partindo do ponto de que é um trabalho digno, honesto, de uma intensa dedicação e que se diferencia pela movimentação das relações sociais que envolvem suas atividades no próprio ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS

AGÁPIO, Roberto. **Feira Livre**. Enciclopédia Luso-Brasileira. Disponível em: <www.robertoagapio.fot.br>. Acesso em: 24 abr. 2018.

ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de; ALVES, Ana Elizabeth Santos. Trabalho informal em tempos “globalizacionistas”. **Revista Histedbr**, 2009. Disponível em: <www.periodicos.sbu.unicamp.br>. Acesso em: 24 abr. 2018.

ALMEIDA, Maria Goretti de; CARMO, Larissa de Andrade; SILVA, Seffra Renata Ramos da. **O trabalho informal como alternativa no mundo de trabalho atual**. IV Seminário CETROS. Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social. 29 a 31 de maio de 2013 – Fortaleza – CE – UECE - Itaperi. Disponível em: <<https://www.uece.br/eventos/seminariocetros>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 4ª ed. São Paulo: Cortez, Campinas: Unicamp, 1997.

ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro; LOMBARDI, Maria Rosa. **Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do início do século XXI**. 2013, vol. 43, n. 149. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 29 abr. 2018.

ARAÚJO, Sílvia Maria de; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde Lenzi. **Sociologia**. 1ª Ed. São Paulo: Scipione, 2013.

BELOQUE, Leslie Denise. **A cor do “trabalho informal”**: uma perspectiva de análise das atividades “informais”. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estudos pós-graduados em Ciências Sociais. São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

BOECHAT, Patrícia Tereza Vaz; SANTOS, Jaqueline Lima dos. **Feira livre**: dinâmicas espaciais e relações identitárias. UESB. Disponível em: <<https://www.uesb.br>>. Acesso em: 26 mai. 2018.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COSTA, Cesar Rocha da; OLIVEIRA, Luiz Fernandes. **Sociologia para jovens do século XXI**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Novo Milênio, 2016.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de Filosofia**. 2ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco. **Novo olhar HISTÓRIA**. 2ª Ed. São Paulo: FTD, 2013.

FREITAS, Maria do Carmo Soares de.; FONTES, Gardenia Abreu Vieira; OLIVEIRA, Nilce. **Escrita e Narrativas sobre Alienação e Cultura**. Salvador - BA, 2008. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Visitado em: 21 jul. 2019.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Conferência no seminário de lançamento da REGGEN, na Universidade Federal do Ceará. **Ciência e Luta de Classes Digital**, 2014. Disponível em: <<https://ceppes.org.br>>. Acesso em: 26 mai. 2018.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos**. O breve século XX 1914-1991. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. Nova York, julho de 1936. Zahar Editores, Rio de Janeiro RJ, 1981.

JUNIOR, Luiz Gonzaga do Nascimento (GONZAGUINHA). Música: Um homem também chora. Lançamento: 1983. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br>>. Acesso em: 26 mai. 2018.

MATSUO, Myrian. **Trabalho informal e desemprego: desigualdades sociais**. São Paulo, 2009. Tese de Doutorado. Disponível em: <www.teses.usp.br>. Acesso em: 24 abr. 2018.

PINTO, Geraldo Augusto. **A Organização do Trabalho no Século 20: Taylorismo, Fordismo e Toyotismo**. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. **Cultura Feirante de Informação: Uma relato de campo sobre as feiras de livro do Rio de Janeiro**. 2017, Rio de Janeiro - RJ. Disponível em: <<http://www.uel.br>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

SANTOS, Kátia Paulino dos. **Trabalho Informal Como Alternativa ao Desemprego**. A experiência da Central do Trabalhador Autônomo no Amapá. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza-CE, 2010. Disponível em: <<http://www.livrosgratis.com.br>>. Acesso em: 26 mai. 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Arnaldo Valentim; PIOLLI, Evaldo. **A centralidade do trabalho na psicodinâmica de Christophe Dejours, o campo educacional e o trabalho docente**: aproximações possíveis. Devir Educação 2017. Disponível em: <devireducacao.ded.ufla.br>. Acesso em: 26 mai. 2018.

SILVEIRA, Vitor Cardoso da; OLIVEIRA, Emilly Santi de; SILVEIRA, Natália Fernandes; MARIANI, Milton Augusto Pasquotto. Naviraí – MS, 2017. Disponível em: <<http://www.ufms.br>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

TODA MATÉRIA. **Historia e origem das feiras**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

UNDP World Centre For Sustainable Development. Documentary “**CenaRio**: Sustentabilidade em Ação”. Publicado em 30 de setembro de 2016. <<https://www.youtube.com>>

VICENTINO, Cláudio. **História Geral**. Edição atual e ampliada. São Paulo: Scipione, 2002.

APÊNDICES**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO I (PARA OS INTEGRANTES DA FEIRA)**

1. Há quanto tempo você trabalha na feira?

- Menos de 6 meses
 Entre 6 meses e um ano
 Mais de 1 ano

2. A que horas você inicia o seu trabalho na feira?

- Antes das 4h da manhã
 Entre 4h e 6h da manhã
 Depois das 6h da manhã

3. Como é a sua relação com os outros integrantes da feira?

- Ruim Regular Boa Ótima

4. O que os clientes mais costumam comprar na feira?

- Vegetais em geral (frutas, verduras, legumes e hortaliças)
 Cereais
 Lanches e comidas
 Roupas, brinquedos e utensílios domésticos
 Carnes (frango, peixe, boi, porco, etc.)
 Outros produtos: _____

5. Por que você escolheu ser feirante?

6. Você gosta de trabalhar em feira livre?

- Sim Não

7. Você já teve emprego formal?

- Sim Não

8. O que você mais gosta de vender na feira?

9. Você sofre ou já sofreu algum preconceito por ser feirante?

- Sim Não

10. Que mensagem você tem para quem trabalha na informalidade?

APENDICE B – QUESTIONÁRIO II (PARA OS CLIENTES DA FEIRA)

1. Você mora perto da feira?
 Sim Não

2. O que você mais gosta de comprar na feira?
 Frutas, verduras e legumes Cereais
 Lanches e comidas Roupas, brinquedos e utensílios domésticos
 Carnes Outros produtos: _____

3. O que você acha dos preços das mercadorias na feira?
 Muito barato
 Razoável / acessível
 Muito caro

4. Como é o tratamento dos feirantes com você?
 Ruim Regular Bom Ótimo

5. O que você acha do trabalho informal?
